

# *Retratos Falados*

A cidade além do que é vista e descrita

PAU DOS FERROS, RIO GRANDE DO NORTE

Artur S. Brito

Carla A. T. Rocha

Daniel P. Andrade

Henrique L. Araújo

Lucas L. S. Angelo

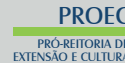
Rafaela S. Balbi

Tamires P. Lima



O e-book Retratos Falados trata-se de um produto e da apresentação dos resultados projeto de extensão de mesmo nome desenvolvido por professores e alunos do Grupo de Pesquisa Alpendre - Arquitetura e Representação, Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). O projeto intencionou, por meio do relato oral e do registro audiovisual, contar sob a ótica dos seus habitantes a história da cidade de Pau dos Ferros/RN, sede do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFERSA. Permeado por memórias e falas carregadas de sentimento, buscou-se encontrar a relação dessas falas com a história da cidade, com processos construtivos e com morfologias e estruturas urbanas e

edilícias. Em meados do desenvolvimento do projeto, a pandemia da Covid-19 foi declarada e foi preciso alterar a metodologia de registro, uma vez que boa parte do público previsto era considerado como grupo de risco para a Covid-19. Diante disto, optou-se por “entrevistar” as edificações da cidade, buscando detalhes e confluências históricas que também permitissem contar um pouco da história da cidade. Como resultado, um processo híbrido e mesclado, com entrevistas, registros audiovisuais e uma linguagem contemporânea através de colagens e montagens fotográficas, contaram sob o ponto de vista dos moradores da região e das próprias edificações, um pouco da história dessa cidade tão importante para a região.



# *Retratos Falados*

A cidade além do que é vista e descrita

PAU DOS FERROS, RIO GRANDE DO NORTE

## **autores**

Artur S. Brito

Carla A. T. Rocha

Daniel P. Andrade

Henrique L. Araújo

Lucas L. S. Angelo

Rafaela S. Balbi

Tamires P. Lima





---

### *Diretores da Série*

**Prof. Dr. Niltonci Batista Chaves**

Departamento de História, UEPG

**Profa Dra. Valeria Floriano Machado**

Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação-UFPR

---

### *Comitê Editorial Científico*

**Prof. Dr. Cezar Karpinski**

Departamento de Ciência da Informação/UFSC

**Prof. Dr. Charles Monteiro**

Departamento de História, PUC-RS

**Prof. Dr. Cláudio DeNipoti**

Departamento de História, UEL

**Prof. Dr. Cláudio de Sá Machado Júnior**

Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação, UFPR

**Profa. Dra. Daniela Casoni Moscato**

SEED PR

**Prof. Dr. Erivan Cassiano Karvat**

Departamento de História, UEPG

**Prof. Dr. Fabio Nigra**

Departamento de História, Universidad de Buenos Aires

**Profa. Dra. Georgiane Garabely Heil Vázquez**

Departamento de História, UEPG

**Prof. Dr. José Damião Rodrigues**

Centro de História, Universidade de Lisboa

**Profa. Dra. Méri Frotscher Kramer**

Departamento de História, UNIOESTE

**Profa. Dra. Patrícia Camera Varella**

Departamentos de Artes, UEPG.

**Prof. Dr. Robson Laverdi**

Departamento de História, UEPG

**Profa. Dra. Rosângela Wosiack Zulian**

Departamento de História, UEPG

**Diagramação:** Marcelo A. S. Alves

**Capa:** Artur S. Brito e Lucas L. S. Angelo

**Fotografia de capa:** Alpendre.Doc

**Revisão Textual:** Revisa Textos - Júlia Ribeiro Fagundes

**O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.**



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)  
[https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)



Apoio financeiro  
Pró-Reitoria de Extensão e Cultura  
PROEC/UFERSA e Pró-Reitoria de Pesquisa  
e Pós-graduação PROPPG/UFERSA e Campus  
Multidisciplinar de Pau dos Ferros/UFERSA.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

BRITO, Artur S.; ROCHA, Carla A. T.; ANDRADE, Daniel P.; ARAÚJO, Henrique L.; ANGELO, Lucas L. S.; BALBI, Rafaela S.; LIMA, Tamires P.

Retratos Falados: a cidade além do que é vista e descrita (Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte) [recurso eletrônico] / Artur S. Brito; Carla A. T. Rocha; Daniel P. Andrade; Henrique L. Araújo; Lucas L. S. Angelo; Rafaela S. Balbi; Tamires P. Lima - - Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

98 p.

ISBN - 978-65-5917-352-5

DOI - 10.22350/9786559173525

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Fotografia; 2. História oral; 3. Cidade; 4. Estado; 5. Brasil; I. Título.

CDD: 900

---

Índices para catálogo sistemático:

1. História                      900



## *apresentação*

Quando os dados não são suficientes, a memória coletiva oferece o respaldo necessário para a compreensão de determinada sociedade. A fragmentação das memórias contidas no imaginário popular gera rastros que juntos permitem contar a história de um povo, dando voz a suas lembranças e valorizando-as. Nessa reconstituição de rastros de memórias populares, a documentação desempenha um papel importante, uma vez que tem a função de registrar e exortar a ideia de testemunho, fazendo alusão à verdade. Um componente importante no meio documental é a fotografia, visto que a experiência fotográfica possibilita uma certidão visual que contém elementos poéticos, abstratos e o olhar do próprio

autor, fundamentando o diálogo e a apresentação das histórias e “estórias” do povo e dos monumentos históricos.

O resgate memorial aqui documentado expõe as vivências, as carências, as texturas e as atmosferas urbanas da cidade de Pau dos Ferros, no Rio Grande do Norte, elaborando uma imagem na compreensão da formação da cidade e como se deu a construção identitária do seu povo. A pesquisa faz parte do projeto Alpendre.Doc – Retratos Falados, desenvolvido com o intuito de provocar e incentivar um debate sobre a relação do meio urbano com as histórias de seus usuários, refletindo em torno dos relatos, das imagens urbanas, da fotografia e da cidade.

Em decorrência da pandemia da Covid-19, o projeto reinventou sua metodo-

gia, dividindo esta publicação em duas etapas. Inicialmente, dá palco para as narrativas pessoais, com entrevistas e relatos selecionados, passando depois a estudar e registrar o palco das narrativas e suas relações.







# *sumário*

<b>01</b>	<b>Capítulo I</b> A fotografia como ferramenta dialógica na narrativa da cidade.....	<b>13</b>
<b>02</b>	<b>Capítulo II</b> As narrativas de um povo e os saberes contidos no tecido urbano da cidade de Pau dos Ferros.....	<b>19</b>



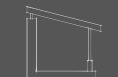
## Interlúdio

Paralisação em decorrência da Pandemia da Covid-19.....41

# 03

### Capítulo 03

As narrativas de um povo e os saberes contidos  
no tecido urbano da cidade de Pau dos Ferros.....43



Sobre o Alpendre.Doc – Retratos  
Falados.....89

89



## Capítulo I

# A fotografia como ferramenta dialógica na narrativa da cidade



*"Uma foto é sempre uma imagem mental.  
Ou, em outras palavras,  
nossa memória só é feita de fotografias."*

DUBOIS

No século XIX, nasce algo revolucionário que muda a forma de guardar e perceber as lembranças: a fotografia. Essa ferramenta tem como objetivo registrar a cidade, as pessoas nos mais diversos espaços, as culturas e o desenvolvimento tecnológico e científico. O ato de fotografar consiste em transformar momentos em fragmentos visuais fixos, pausando o tempo e eternizando o instante. A fotografia possibilita ao artista uma vasta opção de composições, proporcionando

Capítulo baseado no artigo "REVELAR: A Fotografia dialógica na concepção e no intercâmbio das narrativas visuais da cidade por meio de projetos de extensão", desenvolvido por Daniel P. Andrade, Henrique L. Araújo e Tamires P. Lima e publicado na revista Extensão & Cidadania, v. 8, n. 14, p. 28-44, jul./dez. 2020.

escolher um ponto de fuga, enquadramento, foco, ângulos e os mais diversos elementos que podem entrar ou não no documento. Esses são os componentes fundamentais para a interpretação do fotógrafo e de quem lê a fotografia. Entretanto, a semelhança das imagens fotográficas permite aos pesquisadores uma nova forma de buscar e compreender a realidade da história em seus aspectos aparentes e fotografados.

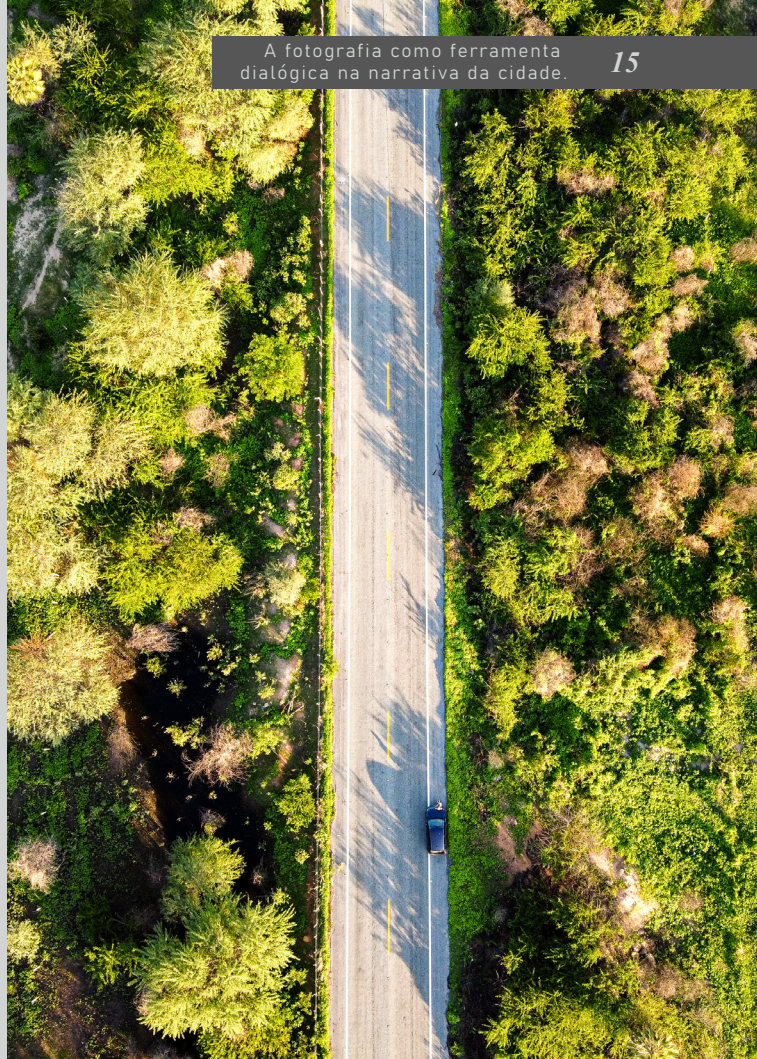
Para enaltecer a importância da fotografia no trabalho, revisa-se o discurso de Rivero (2017, p. 86), que expõe: “Enquanto metodologia de pesquisa, o registro fotográfico procura enfatizar um tipo de informação”. Nessa perspectiva, o trabalho realizado durante a coleta de dados propôs apresentar

realidades específicas. Segundo Maria Borges (2009), essa potência é caracterizada como impulsionadora da metamorfose urbana. Ela afirma que, “[...] à medida que sua iconografia ia se alastrando, a cidade, lugar por excelência do exercício e das práticas civilizadoras, ia construindo suas versões higienizadas, oficiais e modernas do espaço público” (BORGES, 2009, p. 60), deixando claro o vínculo entre a fotografia e as (trans)formações da cidade.

Diversos saberes e conceitos definem – ou tentam definir – a imagem. Platão descreve-a como uma ideia que se inicia no lócus cognitivo e, a partir disso, constrói-se o objeto real. Já Aristóteles, em sua teoria do realismo, define a imagem como produto de uma representação mental de um objeto

real por uma convergência dos sentidos. O fato é que ela possui um papel fundamental na humanidade, pois vivemos em uma sociedade comunitária que precisa da troca de informações, ideias, realidades, culturas e saberes para passar de geração em geração o percurso do seu próprio povo.

As histórias são contadas de várias formas, sendo elas “[...] escritas, iconográficas, orais e objetos” (KOS-SOY, 2001, p. 71). Todas as maneiras são válidas e representativas, mas é importante ressaltar que as imagens são os primeiros modos de documentação através da interpretação imaginária dos que viviam na realidade. Com isso, é justo falar que o ser humano trabalha com uma imaginabilidade e a cidade, o que, por consequência, acaba



se tornando um intercâmbio de imagens e de interlocuções das narrativas sociais. Como pontua Pallasmaa (2017, p. 49), “todas as cidades que visitamos se tornam parte da nossa identidade”. Nesse sentido, o autor provoca uma reflexão sobre as imagens fixadas. Elas caracterizam um sistema de ações internalizadas, que possibilita a evocação, porém, o destaque é dado à percepção física do presente por uma narrativa da cidade visitada.

No princípio, as fotografias urbanas eram voltadas aos visuais arquitetônicos, devido

à conveniência de uma qualidade de estaticidade que se expressava nos sólidos edifícios e monumentos, ao tempo necessária para o fim do processo fotográfico, além da capacidade de precisão nos detalhes, para uma futura restauração mais fiel da obra em contraponto com a pintura. No início do

século XX, as fotografias passaram por uma evolução tecnológica, no sentido de reduzir consideravelmente o tempo para a captura e, com isso, diminuir também o custo da revelação. Diante disso, é por meio do registro fotográfico que a possibilidade de ma-



Vista aérea do Bairro São Benedito,  
em Pau dos Ferros, 2020.



nutenção de uma memória social se faz real, pois ele trabalha fundamentado em uma construção social (LACERDA, 2012). Essa realização enfatiza o poder de impacto desse elemento, por intervir tanto no individual como no coletivo. O fato é que a capacidade construtiva de narrativas impõe grande força argumentativa nas percepções individuais e coletivas sobre a cidade e que, justamente por isso, impactam nas imagens reais e mentais. A presença da sua qualidade documental surge de maneira radical nas dinâmicas de relacionamento entre os dados e quem os recebe, abrangendo uma possibilidade de dominação do tempo de modo comparativo. Esse conjunto caracteriza e permite estudos para os mais diversos universos de pesquisas, trazendo a narrativa da cidade para novos contex-

tos de análises, percepções e identidades, a partir dos métodos aplicados em sua interpretação.



Utensílios domésticos de Dona Aldanir  
(Ferro à brasa e prensa de madeira para queijo), 2019.



Dona Aldanir em sua casa, 2019.

Com a certeza de que os espaços e edifícios contam suas histórias e de que quem esteve ou está neles faz parte desse enredo, a elaboração de perguntas foi uma das etapas do processo de pesquisa, no intuito de buscar expor uma realidade específica: a história do povo paufferense e das suas raízes. Assim, foi possível que os entrevistados convidados vivessem nas suas narrativas o (re)contar de suas lembranças. A documentação audiovisual desse processo é parte da construção da narrativa, que, por meio de associações dos relatos com a imagética construída na documentação, dá corpo ao produto deste trabalho.



Foto da praça da matriz em Pau Dos Ferros - RN, Acervo Dutra.

*Professava [Lina Bo] a crença de que a arquitetura anônima, produzida pelo povo, "possui em sua resolução furiosa de fazer, uma soberba e uma poesia (...) do homem do sertão, que não conhece as grandes cidades da civilização(...)"*

Zeuler R. Lima

## Capítulo II

As narrativas de um povo e os saberes contidos no tecido urbano da cidade de Pau dos Ferros

Por volta do século XVII, surge, nos arredores ribeiras do Rio Apodi, a cidade de Pau dos Ferros, município do Rio Grande do Norte, situada na Zona Oeste do estado. Suas origens são narradas até os tempos atuais e, de acordo com Cavalcante (2013), estão associadas às copas de oiticicas, nas quais os vaqueiros que peregrinavam pela rota do Rio São Francisco descansavam.

Capítulo baseado no artigo "Retratos Falados: (re)contar a história e (re)tomar a arquitetura da cidade de Pau dos Ferros através do seu povo", desenvolvido por Artur Brito, Carla Rocha e Lucas Angelo e publicado nos anais do Encontro Nacional da ANPARQ, a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, realizado em Brasília, em 2020.

Como eles marcavam com ferro quente suas letras iniciais nos gados e em uma frondosa oiticica que existia próxima a um lago, o lugar ficou conhecido como “Pau dos Ferros”. Para homenagear esse fato memorável, foi edificado um obelisco no centro da cidade. O povoado se desenvolveu até se tornar uma cidade e o cerne do desenvolvimento foi, sobretudo, através do comércio, o que fez com que o município passasse a ser um núcleo de confluência populacional da região (DANTAS, 2014).



Foto da praça da matriz em Pau Dos Ferros - RN,  
1956. Acervo Dutra.



Esses dados foram coletados por meio de relatos de pessoas ligadas à cidade de Pau dos Ferros, que têm como fonte de dados históricos e diálogo cultural suas próprias histórias. As narrativas contadas ligam verdadeiramente a memória, o conhecimento e o espaço do seu povo e de sua cidade, de forma natural, autêntica e que revela alguns conhecimentos construtivos.

Entre fatos e fotos, houve uma redescoberta da identidade urbana da cidade. Na reconstituição de rastros, é fato que a documentação teve papel crucial como uma ferramenta de testemunho, seja oral, seja escrita, seja fotográfica. Contudo, há no imaginário popular suas narrativas e percepções, ligadas a aspectos que dizem respeito à formação da cidade, à identificação com o

lugar e às suas vivências pessoais e individuais. Segundo Mourão e Bonfim (2011, p. 223), alguns espaços urbanos são simbólicos e prototípicos de um lugar. Como elementos geográficos ou arquitetônicos e urbanísticos, são capazes de simbolizar a identidade social urbana de um grupo.



Alpendre da casa de Seu Dudu e Dona Aldanir no Perímetro Irrigado, 2019.

Quem nunca, ao sentar-se numa cadeira de balanço ao lado de sua avó ou seu avô, fez dezenas de perguntas sobre a época de sua infância e/ou sua juventude? Quem nunca questionou: por onde andou? Eventualmente, existem aspectos que ligam nosso imaginário a fragmentos da memória que transmitem particularidades relacionadas com algum momento vivenciado, no sentido de tempo, espaço ou lugar. Algumas respostas possuem detalhes preciosos e inesquecíveis. São esses detalhes que, entre suspiros, lágrimas e gargalhadas, constroem narrativas com fragmentos de diferentes momentos e épocas. Edifica-se, assim, a identidade social e cultural de cada indivíduo, que, com o poder de descrever com suas palavras e a possibilidade de transcrever essas narrativas, possibilita a

documentação e, assim, a preservação da sua história.

A partir da palavra falada vão se reconstruindo lugares e culturas, revelando-se aspectos morfológicos, urbanos e arquitetônicos de um determinado lugar e época. Dessa maneira, a entrevista, mesmo no sentido impessoal e utilizada como forma documental, permite-nos viajar ao longo dos anos para lugares que somente conhecemos por imagens antigas. Ela contém muito mais do que a imagem em si, pois fala por meio da memória, individual ou coletiva.

## *As narrativas e os narradores*



Seu Dudu



Dona Rita



Dona Aldanir



Os entrevistados selecionados são pessoas comuns que possuem um apego e um vínculo emocional com a cidade, pois de fato fazem parte dela. São filhos, produtores e consumidores de suas riquezas naturais e urbanas. Assim como muitos sertanejos do semiárido nordestino, os personagens aqui apresentaram trechos e fragmen-

tos de sua identidade cultural com detalhes de técnicas construtivas, modos de viver, falar, expressões regionais e características morfológicas da cidade. As transcrições foram feitas sem alterações, apenas adaptando algumas palavras para melhor entendimento da fala.



## *Dona Rita*

Rita Luísa da Conceição Silva, mais conhecida como Dona Rita, tem 69 anos de idade e é moradora da vila Perímetro Irrigado (Pau dos Ferros), sertaneja, natural do município Marcelino Vieira/RN, mais especificamente do sítio São José, e nascida no ano de 1954. Filha de pais agricultores e com onze irmãos, Dona Rita narra com entusiasmo sua história de vida, marcada por uma infância de poucas brincadeiras, muito trabalho e raros momentos de lazer.



Em síntese, ela relata que os recursos de subsistência eram todos extraídos do entorno do qual vivenciava, como lenha coletada para uso doméstico, madeira para construção, bem como arroz, milho e café, os quais, depois de moídos e pilados, serviam de alimento para toda a família. Dessa forma, nota-se que, por dificuldades financeiras, a opção que lhe restou foi a de usufruir dos recursos disponíveis em seu ambiente rural. Um fato que chamou a atenção foi a sua deficiência visual, adquirida de forma hereditária e gradativa, que a fez perder a visão completamente aos 40 anos de idade. Mesmo com as dificuldades, ainda consegue realizar suas atividades domésticas e pessoais sozinha. Ela conta que quatro de seus irmãos também sofreram do mesmo problema, dos quais apenas um está vivo.

Na época de sua infância, a cultura familiar era voltada para o trabalho doméstico e a agricultura, o que dificultava o acesso ao ensino. Até mesmo seu próprio pai não permitia o contato com a escola, conforme pontua Dona Rita, ao relembrar que *“era muito sojigado [sic] o estudo da gente”*.

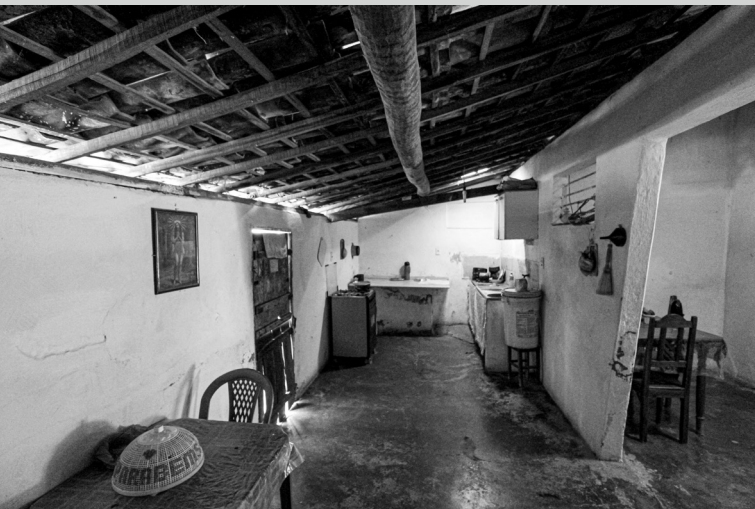


Apesar do posicionamento de seu pai, sua mãe ajudava a confeccionar seu caderno, que era produzido a partir de material reciclado. Em meio a tanta dificuldade, ela conseguiu acompanhar o quarto ano do ensino fundamental, mas seu desejo era ter continuado sua formação escolar.

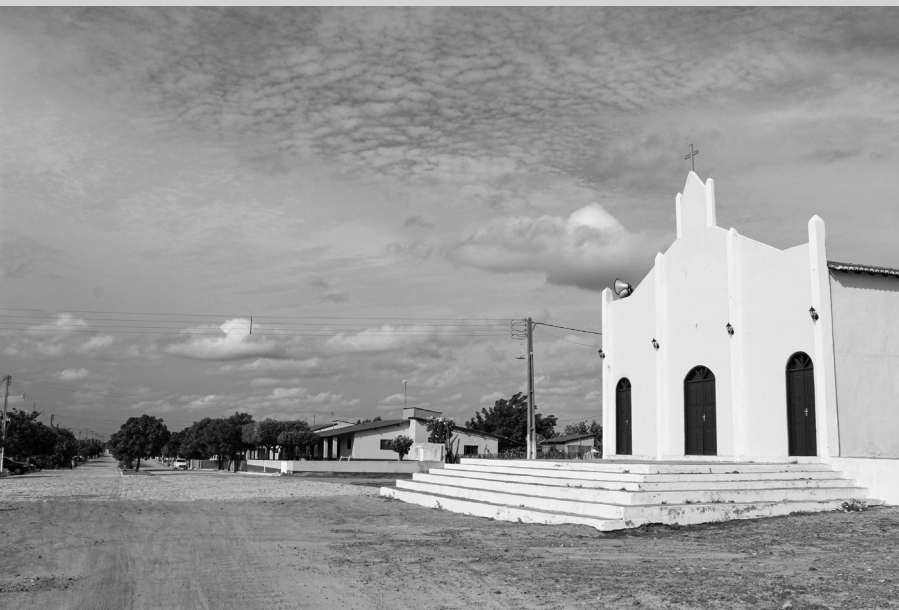
Ao recordar do lar de sua infância, são trazidas à tona a forte ligação com a construção de sua casa e as técnicas usadas para tanto, já que participava ativamente de todo o processo, como descreveu na entrevista:

*“Era de taipa, a gente começava enterrando umas forquilha, cortava e amarrava umas vara, aí botava outras varas pra cima, pra poder cobrir com telha, aí ia tapar arrudeando de barro e o piso era no barro também. A gente não dividia (os quartos), não fazia casa pequena não! Tinha muita madeira no mato, cortava a madeira pra construir casa bem grande”.*

Além disso, a sua casa contava com poucos mobiliários e todos dormiam em redes.



Cozinha da casa de Dona Rita, 2019.



Capela de São Pedro, na comunidade Perímetro Irrigado, 2019.

Ainda sobre sua morada, ela acrescenta: *“Ô tempo bom... que a gente construía umas latadazinha assim, do tipo que é uma área dessa [...]”*, fazendo referência ao alpendre em que foi realizada a entrevista.

Complementa comparando com os dias atuais e com a falta de segurança vivida na região: *“Podia a gente dormir lá de fora, de baixo das latada que não fazia nem medo, era tranquilo. Hoje em dia quem é que pode nem dormir numa área dessa?”*. Percebe-se, então, através da participação no método construtivo, um forte elo afetivo entre a casa e os usuários.

Levando em conta o fato de que por muitas vezes Dona Rita teve que se mudar de onde morava para um novo local, ao ser indagada sobre algum lugar que a marcou em sua vida, ela responde sem hesitar:

*“Sítio salgadinho. Tinha muita água, achava bom mesmo o lugar. Todo canto que a gente chegava a gente se acostumava e achava bom, num tinha negócio de num gostar do lugar não. Foi onde eu conheci meu marido também e lá mesmo eu me casei, com 15 anos”.*

Há a presença clara de um vínculo afetivo ligado à relação dela com o espaço, com as pessoas que ali se encontravam e com as memórias lá vividas e experienciadas, ainda que declare a necessidade de se adaptar ao

ambiente em que se encontra, independentemente da disponibilidade de água ou da qualidade do lugar.



Sala de estar da casa de Dona Rita, 2019.

Dona Rita relata uma fase de sua vida, na qual as dificuldades foram maiores e ela teve que pedir esmolas para suprir as necessidades de sua família:

*“Quando as criança era tudo pequena e o trabalho não dava, eu vivia muito no mundo pedindo ajuda pra poder dar de comer aos meninos. Passava de casa em casa, nos sítios, todo canto, nas rua em Francisco Dantas... ia e voltava a pé... morava em Pau dos Ferros, lá no alto São Geraldo”.*

Em decorrência de sua deficiência visual, ela faz uma breve declaração, na qual afirma que em todos os lugares onde esteve sempre foi bem acolhida:

*“toda vida eu achei bom vizinho em todo canto que eu morei, sempre me ajudaram muito”.*

Contudo, apesar de todas as provações vivenciadas, ela nutre com fidelidade seu amor por Deus e pela vida:

*“Agradeço a vida que Deus me deu!”.*



Na entrevista em questão, em uma das suas falas, é notória a existência de impedimentos no centro da cidade de Pau dos Ferros para a realização do seu percurso, conforme expõe:

*“Tenho dificuldade de andar lá, não é fácil não. Mas sempre tem que ir, né? Acho melhor ir do que mandar só os outros”.*

Com o sentimento de independência, ela exclama: *“Quem tira o dinheiro do mês é eu. Quem faz a feira é eu!”*, mostrando que, apesar de sua deficiência e da ausência da acessibilidade adequada, ela consegue superar a dificuldade encontrada na cidade.





Outro ponto da entrevista observado é quando relata:

*“Pretendo sair daqui mais nunca. Pretendo sair daqui só pro cemitério”.*

Com esse trecho, nota-se um sentimento de pertencimento ao lugar onde mora, posto que tem vivido há muito tempo naquele espaço, no qual passou por muitos momentos importantes de sua história. Além disso, a vila Perímetro Irrigado tem uma vizinhança que lhe agrada, seus filhos e familiares moram perto e o lar é um refúgio de sua deficiência, visto que consegue se locomover sem grandes obstáculos.



O retrato falado de Dona Rita mostra não somente a realidade vivida por um deficiente visual e seus obstáculos diários, mas também a situação de vida de muitas outras pessoas que nasceram no campo do interior do Nordeste em sua época. Muitos se viam desafiados a sobreviver diante da seca e da pobreza, construindo suas próprias moradias e alimentando-se do que havia sido cultivado.



## *Seu Dudu e Dona Aldanir*

Manoel Rocha Barreto – também conhecido como Seu Dudu –, 70 anos de idade, e sua esposa Aldanir Viana Fernandes, mais conhecida como Dona Aldanir, 69 anos, são moradores de um sítio próximo à vila Perímetro Irrigado, situada no município Pau dos Ferros, no Rio Grande do Norte. Na figura abaixo, encontra-se a imagem do casal no momento da entrevista.



Dona Aldanir nasceu no Sítio Pau-d'arco, mas passou sua infância no Sítio Arapuá, localizado no município de São Francisco do Oeste, antiga Salamandra. Seu Dudu, por sua vez, relata que nasceu e se criou no Sítio Tigre, o qual tinha esse nome devido às onças que vinham das serras e passavam por lá.



Os entrevistados Seu Dudu e Dona Aldanir no alpendre de sua casa , 2019.

Ao relembrar do lugar de nascimento e criação, Seu Dudu, nos rastros de sua memória, fala da relação que seu pai tinha com a casa onde morava quando casou, a qual construiu antes de ter seus filhos:

*“Minha infância eu passei no Tigre, lá no sítio Tigre. Numa casona alta... Porque papai quando casou-se foi morar numa casinha de taipa, sabe? Aí [...] ele vinha pela porta da cozinha, batia a cabeça. Aí era um homem um pouco ignorante, ficou com raiva e disse: 'ah eu vou fazer uma casa pra mim'. Do piso pra cumeeira ele botou uns 25 palmo de altura, casarão medonho. Fez com sótão, com tudo”.*

Em sua fala, notavelmente, a arquitetura da época toma conta de sua emoção, quando relata o cenário marcante entre a casa de taipa em que seu pai morava e o seu novo lar.



Seu Dudu em sua plantação, 2019.



Aponta prioritariamente, mesmo que de forma quase que orgânica, ideias sobre o conforto ambiental advindo da edificação de uma casa alta e espaçosa. Ainda nesse trecho, destaca-se um curioso fator geométrico, a unidade de medida de “palmo”, a qual utiliza o corpo como ferramenta, podendo medir sem a necessidade de qualquer outro instrumento. Para explicar isso, Seu Manoel fala: *“Naquele tempo era palmo, a gente não falava em metro, né? 25 palmos dá o que? Dá uns 5 metros. Era alto”*.

Dona Aldanir comenta que a construção da sua casa foi sendo realizada periodicamente, aumentando de acordo com as necessidades da família:

*“Construiu uma casinha e foi aumentando a casa, e aumentando. Aí fez um casarão que é um monstro, uma casona. Me criei lá no sítio Arapuá, [...] trabalhando na agricultura, ajudando a meu pai. Uma casona grande com um sóte [...] de guardar rapadura, farinha... Casa antiga né”.*



Dona Aldanir utilizando um pilão no quintal de sua casa, 2019.

Dona Aldanir, empolgada ao relembrar da casa onde nasceu, ainda relata todo o processo construtivo de sua antiga casa:

*“Fazia o tijolo, queimava o tijolo, tudo feito na mão. Papai fazia uma grade com quatro repartimentozim, ali amassava o barro fora e vinha jogando dentro. Passava a paieta em cima, quando levantava a grade, ficava o tijolo direitim. Nós tudo pequeninha com as faquinha de pau [...] aí serrando o tijolo bem serradim, fazia tirando as barrinha e botando em pézinho o tijolo né. Depois papai fazia a caiera, queimava o tijolo, botava lenha dentro, tocava fogo e nós ia de noite pra lá assistir o fogo dos tijolos queimando, amanhecia bem encardidinho os tijolos”.*

É notório que o processo de construção do lar para ela e sua família não foi somente físico, mas também sentimental, pois em cada etapa narrada há uma linguagem afetiva, expressa com diminutivos. Além disso, ela termina sua fala proferindo que existia um ritual de assistir à queima dos tijolos, evocando memórias nítidas dos processos de construir a própria casa manualmente.

Seu Dudu e Dona Aldanir alimentando as galinhas, 2019.



Igualmente, o casal, ao se referir à sua primeira morada, relata a simplicidade dos móveis e a forte presença dos processos manuais envolvidos. Dona Aldanir narra:

*“os móveis quando nós casamos eram dois pote. Nós casamo, chegamo em casa, Dudu numa bicicletinha, com uma lamparina e um litro de gás na mão. Aí tinha uma caminha no quarto, na cozinha os dois pote, duas panelinhas de barro em cima do fogão. E eu era muito conformada, né? apaixonada, né? tava nem ligando pra comer. Sim, aí pra botar os copos tinha uma copeirazinha que papai fazia também e pronto, era esse os móveis que a gente tinha, com uma mesinha”.*







## interlúdio

*Paralisação em decorrência  
da pandemia da Covid-19*



Equipe em campo, 2019.

*"Quando a cidade perde a humanidade,  
O vírus invade,  
Os sonhos cessam,  
As dores crescem,  
O capital floresce,  
As ideias se rendem,  
As vidas se perdem quando  
a cidade perde a humanidade."*

LEILA MARQUES

Em decorrência da pandemia do Covid-19, declarada pela OMS no dia 30 de janeiro de 2020, o projeto Alpendre.Doc – Retratos Falados teve que paralisar a etapa de entrevistas, documentação fotográfica e visitas aos entrevistados, seguindo as normas de biossegurança

e os decretos de distanciamento social. Porém, as narrativas nunca param de se expressar, passando, mesmo sem ser de maneira falada, a serem construídas e materializadas com cimento, alvenaria, trincas e paisagens destacadas. Portanto, o grupo buscou uma nova metodologia para dar seguimento ao projeto, “entrevistando” os próprios edifícios históricos da cidade e recontando suas histórias em uma linguagem contemporânea.

Com essa finalidade, o projeto Alpendre.Doc – Retratos Falados direcionou o seu novo foco aos paralelismos estabelecidos entre a fotografia e a cidade, utilizando-se das imagens de edificações e espaços de importância histórica presentes na cidade de Pau dos Ferros/RN. Por meio de colagens

digitais, pôde-se acompanhar o impacto desses lugares nas narrativas visuais da cidade e suas transformações.



Bastidores da entrevista com seu Dudu e Dona Aldanir, 2019.



### *Capítulo III*

## Retratos Falados: sob o olhar das narrativas das edificações paufferrenses



*"O objetivo das fotografias edilícias não é esgotar a complexidade e diversidade do espaço, mas nos apropriar de recortes e momentos que expressam essa diversidade em sua interação cotidiana e histórica."*

REGINA ELENA ALVES DA SILVA

O grupo deu início a uma nova fase do projeto, privilegiando a arquitetura da cidade e a sua interação com as pessoas e recorrendo a fotografias históricas e atuais para construir uma narrativa. A ideia é a de que, por meio de colagens digitais, além de com-

preender o lugar e sua história, seja possível entender a influência do tempo na narrativa visual da cidade e sua transformação ao longo dos anos.

Fernando Fuão (1992) afirma que as fotografias são literalmente artefatos. Elas se incluem na categoria de objetos trouvés, involuntários fragmentos do mundo e, portanto, suscetíveis de serem utilizados. A Arquitetura como colagem pretende revelar a poética do projeto arquitetônico a partir da articulação de resíduos impressos de arquitetura.

Em Pau dos Ferros, é possível constatar mudanças importantes em sua morfologia urbana ao longo dos anos, bem como na arquitetura de suas edificações. Fica claro que entre os fatores

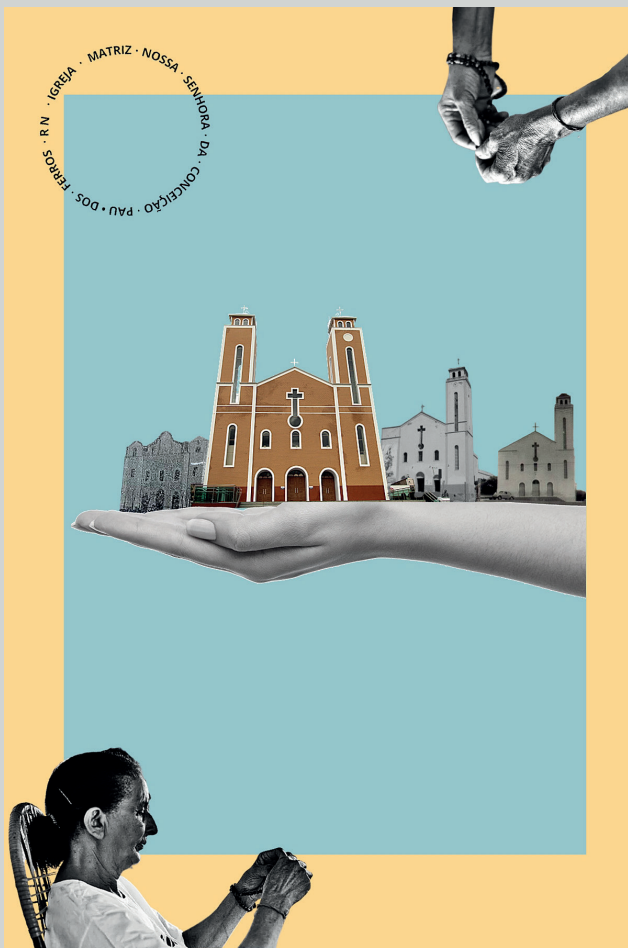
responsáveis por tais mudanças estão o aumento da atividade comercial, além de hábitos de seus residentes e questões ambientais.

A fim de construir uma narrativa através das colagens, que conte um pouco da história da cidade, as edificações e os espaços escolhidos são aqueles que se destacam no tecido urbano pela sua história e conformação espacial. Tais bens representam as origens, a força cultural e a devoção religiosa paufferense e complementam as narrativas orais de seu povo.



IGREJA MATRIZ  
NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Historicamente, a Igreja foi edificada sob mobilização popular em 1738, mas apenas 18 anos depois foi elevada à categoria de Igreja Matriz da cidade. Sua arquitetura apresenta traços da Arquitetura colonial, porém, com o passar dos anos, algumas de suas características arquitetônicas sofreram modificações, além de reformas. Há registros de tais modificações, principalmente em suas características arquitetônicas internas, como seu altar-mor com 200 anos de existência, sua estrutura de forro e seu piso. A principal descaracterização ocorreu na área externa, tanto com a presença de azulejos e modificação no frontão bipartido quanto na sua estrutura, com a inserção da segunda torre sineira do lado direito de sua fachada (FERREIRA, et al. 2021).



Um vislumbre entre o passado e o presente e a representação visual da devoção religiosa paufferrense.

A Igreja no centro como palco principal de exaltação da fé e sua ligação  
nas narrativas da formação da cidade.







PRAÇA MONSENHOR CAMINHA

Praça Monsenhor Caminha, em homenagem ao pároco Manoel Caminha Freire de Andrade que atuou na paróquia de Pau dos Ferros por mais de 50 anos, foi construída no ano de 1942 e em seu projeto inaugural a praça era dividida em dois pólos, passava uma via entre eles e só depois que foi construído o pavilhão para festas e apresentações, denominado de Cônego Caminha. No decorrer dos anos, a praça ficou conhecida popularmente como Praça da Matriz e sofreu duas grandes reformas. Em sua primeira reforma, devido o estado de conservação, ela foi praticamente refeita e reinaugurada em 1º de maio de 1972. A segunda reforma, inaugurada em 27 de junho de 2009, foi a que ocasionou mais mudanças, como a junção dos dois pólos, tornando-a uma praça única, sendo ela a mais atual.



Os quiosques e o Pavilhão Cônego Caminha, onde uma placa carregava os dizeres do poeta Castro Alves: "A praça é do povo, como o céu é do condor".



Na porta de sua casa, Dona Alenir faz alusão que a cidade também é seu lar.



MERCADO PÚBLICO

Materializado a partir da força cultural da origem da cidade de Pau dos Ferros, em forma de espaço para socialização e trocas, o Mercado Público passa a existir no ainda início do século XX, caracterizando-se por sua arquitetura e, hoje, pelo seu legado histórico na cidade e na memória do povo.



Fruto do labor popular, a cidade cresce com sabor particular.



O palco da cultura é presente no passado.





CAPELA DE SÃO BENEDITO

Santuário Eucarístico de São Benedito, padroeiro do bairro São Benedito, inaugurado em 1948, na cidade de Pau dos Ferros/RN.



Os primeiros moradores do bairro São Benedito foram remanescentes de quilombolas que vieram do município de Portalegre.



Durante a década de 30, o Alto do Carrasco passa a ser chamado de São Benedito em alusão ao santo negro, fazendo referência à maioria das famílias que lá residiam (e ainda residem).



CASA DA CULTURA

A Casa da Cultura Popular Joaquim Correia encontra-se localizada nos arredores da Praça da Matriz, em Pau dos Ferros. O prédio foi construído para a criação da primeira escola pública da cidade, em 1910. Posteriormente, em 1980, abrigou o Campus da UERN e logo após virou centro cultural, escola novamente e desde 2015 denomina-se Casa da Cultura.



Do pátio de chão gasto do interior deste edifício revelam-se as saudosas brincadeiras da infância paufferrense.



Do amarelo ao azul, do ensino à cultura, vê-se a trajetória de um povo a partir do edifício.



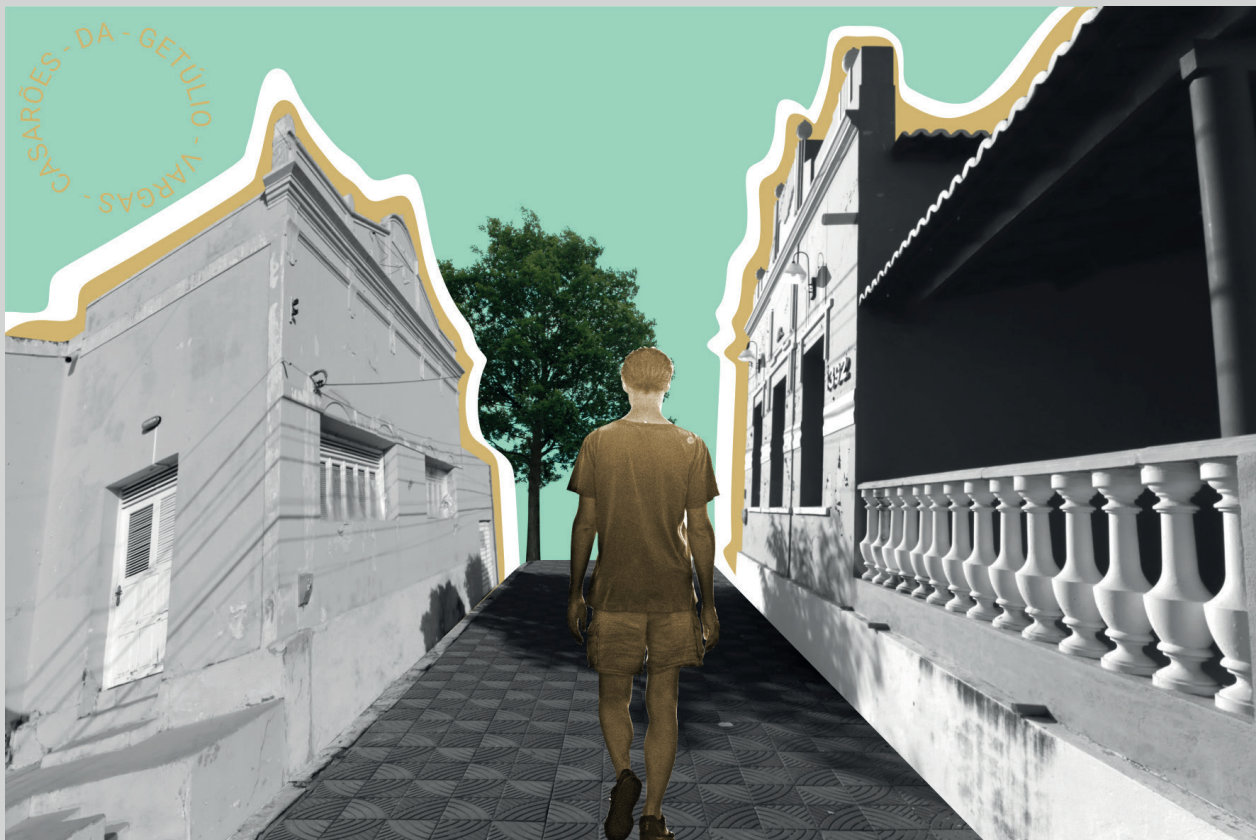


RESIDÊNCIAS  
DA GETÚLIO VARGAS

Residências dos cidadãos paufferenses são exemplos para serem consideradas como patrimônio histórico edificado da cidade. Os exemplos aqui apresentados estão localizados em uma das principais avenidas de Pau dos Ferros, a avenida Getúlio Vargas.



As construções mais antigas conseguem gerar emoção e são parte da história e desenvolvimento da cidade.



Residências da avenida Getúlio Vargas são consideradas patrimônio da comunidade construída pelos cidadãos comuns, vista hoje como resistência a favor da representatividade de sua história.



RESTAURANTE ÁGUA NA BOCA

De caráter histórico, o casarão de Elísio Maia, como assim era conhecido, faz parte das memórias paufferenses. Tinha características arquitetônicas do estilo inglês. Passou por diversos usos, sofreu com ações do tempo e desabou em parte. A edificação foi reconstruída, porém detalhes originais foram perdidos.



Um restaurante em que a memória é servida como a concretização de um sonho de criança.



Um silêncio que narra o passado. Um portal entre o sonho e a realidade.



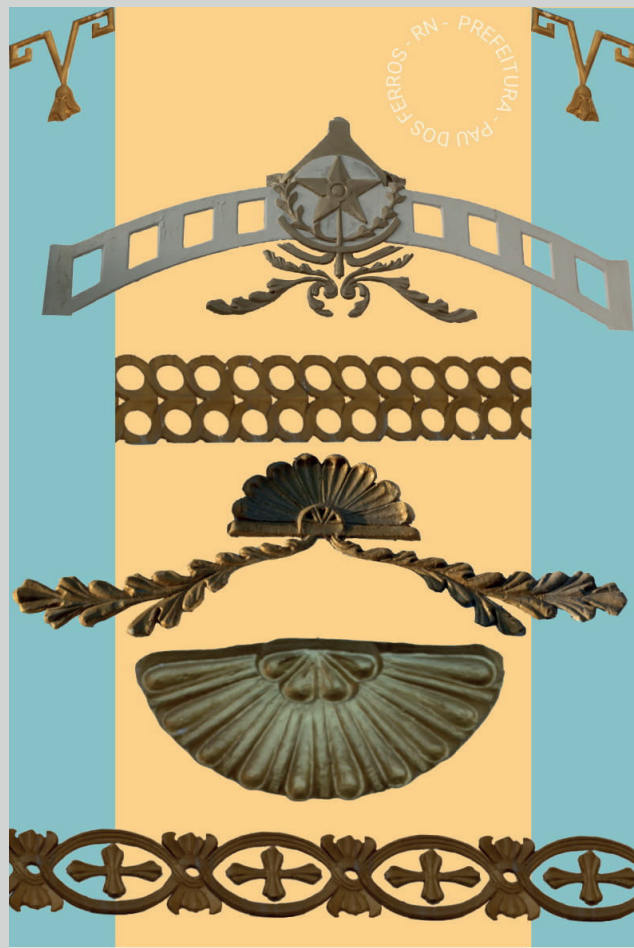


PREFEITURA MUNICIPAL

Um prédio de destaque, nascido em 1929 como casa do poder executivo da cidade, esse ainda cumpre sua função, deixando clara a perenidade de seus traços e detalhes do seu tempo. Marcada pela arquitetura eclética, a prefeitura invoca uma linguagem de simetria, busca de grandiosidade e riqueza decorativa.



Resplandecente e charmosa, a casa do povo se mantém.



A permanência visual dos detalhes forma a obra, assim se faz uma administração pública e assim se faz a prefeitura.



PATRONATO  
ALFREDO FERNANDES

Patronato Alfredo Fernandes, localizado na cidade de Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil. Atua na história da educação da cidade desde sua fundação, no ano de 1946.



A instituição foi importante para a cidade no que se refere a cultura, educação, religião e atividades filantrópicas. Atua até hoje na formação acadêmica dos cidadãos.



Dos cuidados das flores e hortas até a formação religiosa, vocacional e profissional: Irmã Barreira e suas auxiliares, Irmã Vicência e Irmã Luzia. As filhas da caridade de São Vicente de Paula assumiram a direção do patronato por volta de 18 de julho de 1954 (DEODATO; NETA, 2012)





RÁDIO CULTURA DO OESTE

Rádio Cultura do Oeste, localizada na cidade de Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil. Rádio pioneira do alto oeste, teve sua inauguração marcada na história da cidade com o show em praça pública dos grandes Luiz Gonzaga, Fagner e Robertinho do Recife no dia 25 de Abril de 1986.



Da janela vê-se o reflexo da origem do rádio no alto oeste.

RÁDIO CULTURA DO OESTE - PAU DOS FERROS - RN

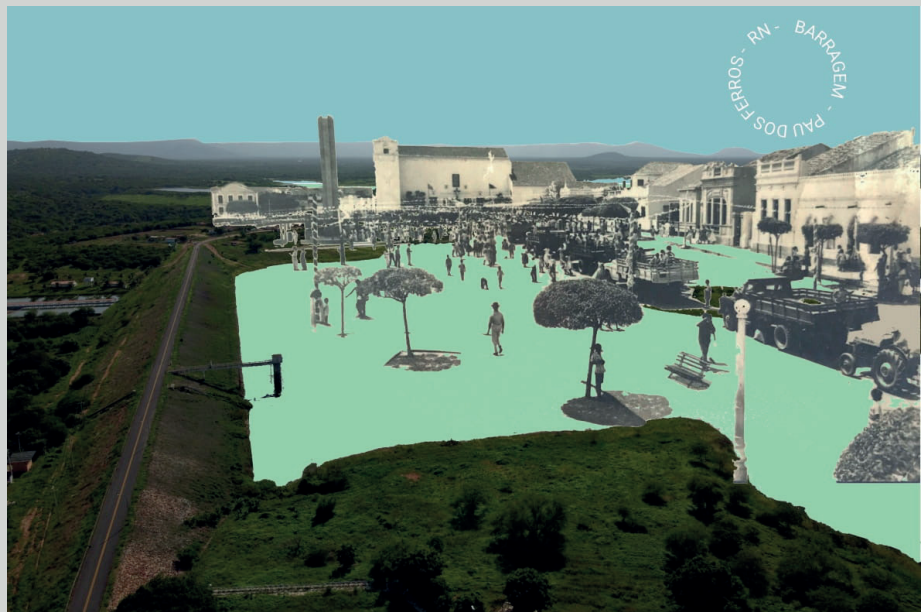


A reinvenção do áudio, do disco ao streaming.



BARRAGEM

A barragem de Pau dos Ferros, oficialmente nomeada Açude Público Dr. Pedro Diógenes Fernandes, é um reservatório com capacidade para 54 milhões de metros cúbicos de água, inaugurado em 1967. Hoje é vista como ponto turístico em período de cheia, marcando a cidade e região pela beleza e exuberância da natureza paufferense.





MODERNINHAS

Algumas das construções da cidade chamam a atenção daqueles que têm um olhar curioso, havendo um contraste quase que entre o preto e o branco e entre o velho e o novo. Elas marcam um outro momento de Pau dos Ferros, destacado por um desenvolvimento na linguagem das construções, mesmo sem a presença de um planejamento intencional de arquiteto, mas com uma pulsante vontade de modernidade no torrão potiguar.





## Sobre o Alpendre.Doc – Retratos Falados

O projeto de extensão Alpendre.Doc – Retratos Falados, desenvolvido no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), do Campus Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil, faz parte das atividades do grupo de pesquisa Alpendre – Arquitetura e Representação, tendo como membros os professores Daniel Andrade e Rafaela Balbi e os discentes Artur Souto, Carla Rocha, Henrique Araújo, Lucas Lenin e Tamires Lima.

O projeto buscou, através da documentação textual e audiovisual, resgatar as origens do povo de Pau dos Ferros, um pouco da sua morfologia urbana e a relação com as cidades circunvizinhas. Diante disso, a pesquisa realizada junto com a população da cidade contou histórias e “estórias” reais, não somente partes de elementos da cidade, mas também parte da construção da identidade do seu povo. Com início em 2019, a equipe desenvolveu algumas ações, produziu artigos para periódicos e congressos e tem como produto final esta publicação.

Desde março de 2020, o projeto se encontrava paralisado devido à pandemia da Covid-19, uma vez que o isolamento social foi instituído e que boa parte do público-alvo do projeto é

composta por pessoas que se enquadraram no grupo de risco da referida doença. No entanto, como modo de prosseguir com os trabalhos, resguardados todos os cuidados, em 2021 foram iniciadas novas etapas de desenvolvimento do projeto com foco nas edificações da cidade e nas suas transformações ocorridas ao longo do tempo em forma de colagens digitais.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO - UFRSA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
APLICADAS E HUMANAS (CCSAH) - PAU DOS FERROS  
ARQUITETURA E URBANISMO/CMPF

Reitora

**Ludimilla Carvalho Serafim de Oliveira**

Vice Reitor

**Roberto Vieira Pordeus**

Colaborador

**Pró-Reitoria de Extensão e Cultura  
(PROEC)**

**Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação  
(PROPPG)**

**Campus Multidisciplinar Pau dos Ferros/UFERSA**

## MEMBROS

**Daniel P. Andrade**

Coordenador do projeto

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) - 2015-2021; Professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Coordenador do Projeto de Extensão Alpendre. Doc Retratos Falados. Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil.  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2427-341X>  
E-mail: [danielnt@gmail.com](mailto:danielnt@gmail.com)

**Rafaela S. Balbi**

Líder do grupo de pesquisa

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA); Coordenador do Projeto de Extensão Alpendre. Doc Retratos Falados. Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil.  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2427-341X>  
E-mail: [daniel.andrade@ufersa.edu.br](mailto:daniel.andrade@ufersa.edu.br) / [danielnt@gmail.com](mailto:danielnt@gmail.com)

**Artur S. Brito**

Discente do Curso de Arquitetura e Urbanismo; Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) Integrante do Projeto de Extensão Alpendre.Doc Retratos Falados, Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil.  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7914-6181>  
Email: [artursouto13@gmail.com](mailto:artursouto13@gmail.com) / [artur.brito@alunos.ufersa.edu.br](mailto:artur.brito@alunos.ufersa.edu.br)



### Carla A. T. Rocha

Discente do Curso de Arquitetura e Urbanismo;  
 Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)  
 Integrante do Projeto de Extensão  
 Alpendre.Doc Retratos Falados, Pau dos Ferros,  
 Rio Grande do Norte, Brasil.  
 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7757-1747>  
 Email: [ariadna.carla6@hotmail.com](mailto:ariadna.carla6@hotmail.com)



### Henrique L. Araújo

Discente do curso de Arquitetura e Urbanismo.  
 Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)  
 Integrante do Projeto de Extensão  
 Alpendre.Doc Retratos Falados, Pau dos Ferros,  
 Rio Grande do Norte, Brasil.  
 Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1528-503X>,  
 E-mail: [henriquelaraujo1@gmail.com](mailto:henriquelaraujo1@gmail.com)



### Lucas L. S. Angelo

Discente do Curso de Arquitetura e Urbanismo;  
 Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)  
 Integrante do Projeto de Extensão  
 Alpendre.Doc Retratos Falados, Pau dos Ferros,  
 Rio Grande do Norte, Brasil.  
 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8850-6510>  
 Email: [lucasteninsa@gmail.com](mailto:lucasteninsa@gmail.com)



### Tamires P. Lima

Discente do curso de Arquitetura e Urbanismo.  
 Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)  
 Integrante do Projeto de Extensão  
 Alpendre.Doc Retratos Falados,  
 Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil.  
 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9157-9745>  
 Email: [tamires\\_p\\_lima@hotmail.com](mailto:tamires_p_lima@hotmail.com)



## *Agradecimentos*

Com nossos mais sinceros cumprimentos o Projeto de extensão Alpendre.Doc - Retratos falados, que faz parte do grupo de pesquisa Alpendre - Arquitetura e Representação, agradece à Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), por meio do Campus Pau dos Ferros, da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC) e da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPPG), por oportunizar recursos para o desenvolvimento deste projeto e desta publicação, bem como várias outras atividades desenvolvidas pelo grupo de pesquisa.

Ressaltamos e agradecemos a importância da disponibilidade dos acervos cedidos pela família do fotógrafo Antônio Dutra, pela Casa da Cultura Joaquim Correia e pela Paróquia Nossa Senhora da Conceição que somaram na construção do material.

Por fim, fica um agradecimento especial aos que mais agregaram na construção desta publicação, sendo estes os entrevistados, Rita Luísa da Conceição Silva, Manoel Rocha Barreto e Aldanir Viana Fernandes, por abrirem suas casas e compartilharem suas histórias de vida e seus apelos sociais.

## \* Índice de imagens não autorais

Acervo de Fotografia da Paróquia Nossa Senhora da Conceição. **Presente na colagem página 47.**

Antônio Dutra. Foto da praça da matriz em Pau Dos Ferros -RN. Ano desconhecido. **Fotografia da página 19. Presente nas colagens da página 64 e 86.**

Antônio Dutra. Foto da praça da matriz em Pau Dos Ferros - RN. 1956. **Fotografia da página 20.**

Antônio Dutra. Foto do casarão de Elísio Maia (Atualmente restaurante Água na Boca). Ano desconhecido. **Presente na colagem da página 72.**

Manoel Jácome de Lima. In: Revista comemorativa do bi-centenário da paróquia e do centenário do município de Pau dos Ferros. Natal: Centro de Imprensa S. A., 1956. p.17-30. **Presente na colagem da página 47.**

Vincente A. Queiroz. 2009. **Presente na colagem da página 47.**

Acervo de Fotografia da Casa da Cultura. **Presente na colagem página 63 e 64.**

Acervo do Patronato Alfredo Fernandes. Retirada do artigo "O Patronato Alfredo Fernandes e a história da educação de Pau dos Ferros (RN)", autoria de Lara Letícia Dias Deodato e Olívia Morais de Medeiros Neta, 2012. **Presente na colagem da página 80.**

## Referências

ANGELO, Lucas L s; BRITO, Artur s; ROCHA, Carla A T. Retratos falados: (re)contar a história e (re)tomar a arquitetura da cidade de pau dos ferros através do seu povo. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, Não use números Romanos ou letras, use somente números Arábicos., 2020, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: Fau-Unb, 2020. p. 396-413. Disponível em: [http://enanparq2020.com.br/wp-content/uploads/2021/10/14-07\\_-EIXO-5\\_-DIAGRAMA%CC%A7A%CC%830-ENANPARQ-FN.pdf](http://enanparq2020.com.br/wp-content/uploads/2021/10/14-07_-EIXO-5_-DIAGRAMA%CC%A7A%CC%830-ENANPARQ-FN.pdf). Acesso em: 23 nov. 2021.

BERTOLDO, Marjory Ribeiro et al. **A ideia arquitetônica representada através de imagens. 2019. Tese de Doutorado.** Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitetura.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CARVALHO, Maria Cristina Wolff; WOLFF, Silvia Ferreira Santos. **Arquitetura e fotografia no século XIX.** In: FABRIS. **Fotografia: usos e funções no séc. XIX.** São Paulo: Edusp, 1991. p. 164



DIAS DEODATO, Lara Letícia; MEDEIROS NETA, Olivia Moraes. **O Patronato Alfredo Fernandes e a história da educação de Pau dos Ferros (RN)**. In: VII CONNE-PI-Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação. 2012.

DUBOIS, Philippe. **Ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 1993. p. 134.

FERREIRA, Anna Cristina Andrade et al. **Memória do sertão: arquitetura religiosa de Pau dos Ferros**. Brazilian Journal of Development, v. 7, n. 1, p. 5192-51202, 2021.

FREITAS, Sônia Maria. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP; Imprensa Oficial do Estado, 2002.

FUÃO, Fernando Freitas. **Arquitectura como collage**. 1992. 185 p. Tese (Doutorado em Projetos de Arquitetura) - Escola Técnica Superior de Arquitetura de Barcelona, Universidade Politécnica da Catalunha, Barcelona, 1992.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LACERDA, Aline Lopes. **A fotografia nos arquivos: produção e sentido de documentos visuais**. História, Ciência e Saúde - Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 283-302, jan./mar. 2012.

LIMA, Zeuler R. **Lina Bo Bardi: o que eu queria era ter história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. 455 p.

Marques, Leila; Andrea Borges. **Coronavírus e as cidades no Brasil** (pp. 14-15). Outras Letras. Edição do Kindle.

MOURÃO, A. R. T.; BOMFIM, Z. Identidade Social Urbana. In: ELALI, G. A.; CAVALCANTE, S. (org.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 223

P. ANDRADE, D.; L. ARAÚJO, H.; P. LIMA, T. . Revelar: A fotografia como ferramenta dialógica na concepção e no intercâmbio das narrativas visuais da cidade por meio de projetos de extensão. **Revista Extensão & Cidadania**, [S. l.], v. 8, n. 14, p. 28-44, 2020. DOI: 10.22481/recuesb.v8i14.7817. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/recuesb/article/view/7817>. Acesso em: 23 nov. 2021.

RIVERO, Elena Lucía. **Fotografia e Cidade: a fotografia como forma de documentação e pesquisa das formas de apropriação dos espaços públicos e do patrimônio na cidade contemporânea**. Olhares Plurais, v. 1, n. 16, p. 82-94, 2017.

SILVA, Gladys Neves. **Arquitetura & collage: um catálogo de obras relevantes do século XX**. 2005. Repositório Digital Lume - Biblioteca Central da UFRGS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Arquitetura. Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura.

SILVA, Regina Helena Alves da. **Cartografias Urbanas: construindo uma metodologia de apreensão dos usos e apropriações dos espaços da cidade**. Visões Urbanas. Cadernos PPG-AU/-FAUFBA, v.5, Número Especial, 2008.